

## Fernando Molica

### Verdades na fantasia da ficção

Os discursos dos escritores Ana Maria Machado e Milton Hatoum na posse deste na Academia Brasileira de Letras trataram de um tema fundamental, a sedução que histórias ficcionais exercem sobre nós.

Trata-se de um processo curioso, capaz de fazer com que nos emocionemos com livros, filmes, lendas, novelas, peças de teatro, músicas: adoramos histórias que sabemos inventadas, protagonizadas, quase sempre, por pessoas que não existiram de carne e osso.

O fato de elas não terem sido gente como a gente não nos impede de chorar, de amar, de odiar, de torcer por A ou B como se estivéssemos em um jogo de futebol (outra ficção, disputa que tem um valor excepcional pela relação simbólica e apaixonada que temos com um time).

Ao receber o novo integrante da ABL, Ana Maria Machado citou a tabelinha que existe entre escritor e leitor. Destacou que a escrita de Hatoum “aposta na cumplicidade inteligente entre quem cria com palavras e quem recebe essa criação com generosidade, assim se capacitando a recriar e imaginar um mundo e seus submundos”. Um relato, afinal, só existe se há quem nele acredite — mesmo nos casos em que fica evidente a presença da ficção.

Depois, ressaltou como a profissão original do romancista — formado em arquitetura — é decisiva em seus livros. Afirmou que sua obra “tem estrutura sólida e bem arquitetada, que o mantém de pé, sobre fundações firmes”, uma linguagem “capaz de acionar memória e imaginação sobre o tecido da observação do real”. Ficção seria o resultado de uma conversa entre autor e leitores/espectadores/ouvintes, uma prosa permeada pelas experiências de cada um.

Hatoum, por sua vez, enfatizou que o leitor “acredita nas estórias inventadas, que não são casos acontecidos, mas que poderiam ter acontecido”. “Então — continuou — é melhor acreditar nas estórias inventadas: são mais verdadeiras e menos constrangedoras”.

Citou ainda um aparente paradoxo em um conto de Guimarães Rosa. Nele, o narrador afirma: “E assim se passaram pelo menos seis ou seis anos e meio, direitinho desse jeito, sem tirar nem pôr, sem mentira nenhuma, porque esta aqui é uma estória inventada, e não é um caso acontecido, não senhor”. Ou seja, a boa ficção não mente.

Para Hatoum, escritores, poetas e leitores são “imigrantes do imaginário”; capazes de superar qualquer tipo de fronteira, alimentam-se também “da imaginação, dos sonhos e das línguas alheias”. Uma constatação que embute o que talvez a literatura e as artes de um modo geral tenham de melhor: a capacidade de promover a possibilidade de entendimento do outro, daquele que nos era estranho, mesmo vivendo no mesmo país, na mesma cidade, no limite, na mesma casa.

Uma característica de abertura ao desconhecido que faz da literatura uma adversária de certezas, de verdades absolutas, do que Ana Maria Machado classificou de “fórmulas simplificadoras ou oportunismo seletivo”.

Milton Hatoum matou no peito e frisou: o que se espera de um texto literário “é justamente o inesperado, o mistério, a complexidade dos conflitos e a dimensão simbólica de seus enigmas, que nunca se revelam por inteiro”. Como a vida, do jeito que ela é, completaria Nelson Rodrigues.

## Tales Faria

### Alcolumbre: “Lula envia, eu pauto”

“O presidente decide quando e quem ele indicará, mas é o Senado que decide se e quando será aprovado. Ele envia, eu pauto e o Senado vota.”

Foi essa a reação do presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), ao saber que o líder do governo no Congresso, Randolfé Rodrigues (PT-AP), declarou que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) irá indicar um novo nome para ministro do Supremo Tribunal Federal (STF).

Ou seja, se o próximo indicado para ministro do STF não for antecipadamente negociado com o Congresso, repete-se o enredo do advogado-geral da União, Jorge Messias: Alcolumbre demora a pautar a sabatina na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) e, depois, como ocorreu nesta quarta-feira, 29, o plenário, derruba o nome.

O recado dado por Davi Alcolumbre parece óbvio, mas não foi seguido pelos articuladores políticos do governo: há atribuições do Executivo e do Legislativo na nomeação de ministros do STF e a responsabilidade tem que ser compartilhada.

Davi Alcolumbre havia indicado para Lula o senador mineiro Rodrigo Pacheco (ex-PSD, hoje PSB). Mas foi ignorado. O presidente precisava de Pacheco como candidato a governador para montar um palanque em Minas Gerais em defesa de sua reeleição. Resolveu não acolher a indicação de Alcolumbre e enviou ao Congresso o nome de Messias, que havia sido assessor do líder do governo no Senado, Jaques Wagner (PT-AL).

Só esqueceram de combinar com Alcolumbre, que se sentiu atropelado e reagiu declarando guerra: “Vocês me traíram”, disse a Wagner quando se encontram no plenário. Ficaram quase sem se falar. Só voltaram a trocar palavras recentemente. Mas nem Wagner, nem o presidente da República deram ao episódio a dimensão que deviam dar.

Foi mantida a indicação de Messias sem uma conversa às claras entre Lula e Alcolumbre, o que deixou o presidente do Senado convencido de que precisava impor uma derrota ao governo para que indicações futuras sejam negociadas antes de serem apresentadas publicamente.

Não agradaram a Alcolumbre e ao centrão as indicações anteriores de Lula. Cristiano Zanin, não foi considerado uma boa escolha porque era advogado pessoal do presidente. E Flávio Dino, porque, embora reconhecido como excelente jurista, se trata de um político marcadamente de esquerda que tem impedido as manobras do centrão na distribuição de emendas parlamentares.

Já havia uma insatisfação com os demais integrantes do Supremo. Tão grande que parte do centrão se aliou aos bolsonaristas na defesa de limitações aos ministros, como corte de benefícios e apoio a pedidos de impeachment.

Nada disso foi levado em conta. Alcolumbre, por seu lado, fingiu-se de vencido para pegar o governo de surpresa. E pegou. Agora que o cristal quebrou, o jeito talvez seja mandar um novo nome ao Congresso e juntar os caquinhos.

## EDITORIAL

### A violência invisível que se perpetua

A morte de uma mulher por feminicídio não encerra somente uma história. Ela inaugura outras, que frequentemente são invisíveis, silenciosas e duradouras. Contudo, o que raramente se considera é que, junto com a vítima, uma rede inteira de vidas é completamente estraçalhada.

O Brasil registrou milhares de casos de feminicídio nos últimos anos: ao menos 2.149 assassinatos em 2025, quase seis por dia. E cada uma dessas mortes deixou marcas que não cabem nas estatísticas, mas ajudam a dimensionar o abismo.

Estima-se que cerca de 2,5 mil crianças e adolescentes por ano perdem as suas mães para esse tipo de crime, enquanto levantamentos recentes apontam mais de 4 mil órfãos apenas desde 2023.

Entretanto, o dado mais devastador talvez seja outro. Em grande parte dos casos, o autor do crime é o próprio pai. A equação é cruel: perde-se a mãe para a violência doméstica e o pai para o sistema prisional. Um duplo abandono parental.

Essas crianças e adolescentes tornam-se o que especialistas passaram a chamar de “vítimas indiretas” do feminicídio. Porque, na prática, elas carregam consequências diretas e profundas, como traumas psicológicos, depressão, ansiedade, dificuldades escolares e de socialização, além de maior risco de reproduzir os ciclos de violência.

Há ainda uma outra camada de dor pouco discutida: a dos avós. Quando o feminicídio é cometido tendo o próprio filho como autor do crime, eles perdem o convívio com os netos, os quais frequentemente ficam com os avós da vítima assassinada ou são levados para o sistema de acolhimento.

Diante de tamanha tragédia social, a resposta do Estado ainda é insuficiente. Embora exista previsão de pensão para filhos de vítimas, sua implementação é recente, restrita e pouco conhecida. E, mais grave, o apoio psicossocial, algo essencial, segue como lacuna. O que se oferece, na maioria dos casos, é um benefício financeiro mínimo diante de uma perda irreparável.

Faltam políticas públicas estruturadas, acompanhamento psicológico continuado, suporte às famílias que acolhem essas crianças e estratégias de longo prazo para evitar que a violência herdada se perpetue. Falta, sobretudo, reconhecer que essas crianças são vítimas centrais de um crime que insiste em ser tratado apenas como estatística criminal.

O feminicídio não termina no ato, ele permanece ecoando. Ignorar os órfãos do feminicídio é permitir que a violência continue agindo de forma mais lenta, mas igualmente devastadora.

Quando o Estado falha em ampará-los, isso não se configura em apenas omissão, mas também em continuidade.

## Opinião do leitor

### Havelange

Não exagero ao afirmar que João Havelange foi um homem notável. Próximo dia 8, completaria 110 anos de idade. Uniu povos e nações pelo futebol. Como presidente da antiga CBD, o Brasil conquistou o tri no futebol. Havelange teve participação fundamental na escolha do Brasil para sediar a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

Vicente Limongi Netto  
Brasília - Distrito Federal

## Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)  
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil  
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sâ e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872  
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520  
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes  
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200  
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.